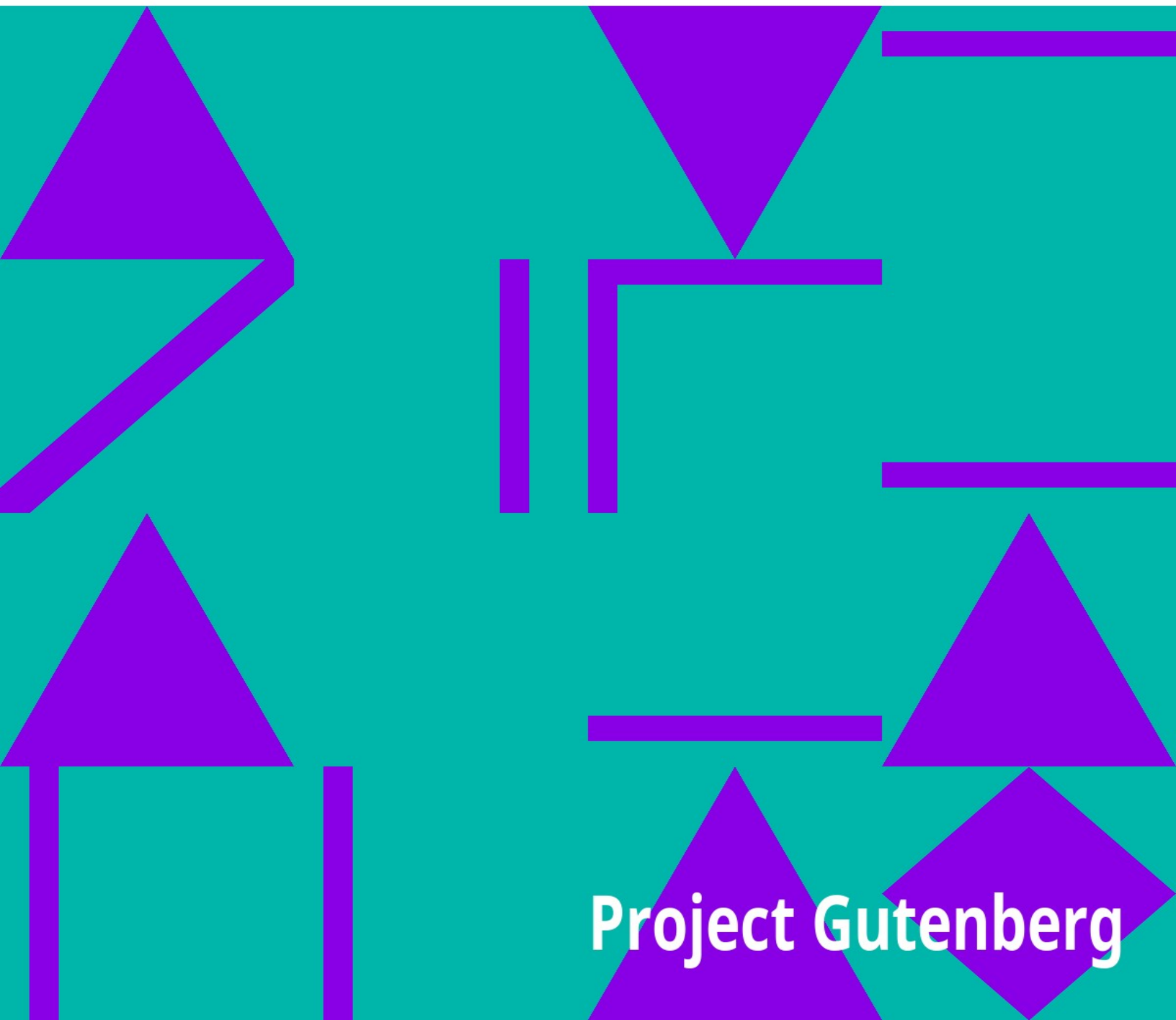


A senhora Rattazzi

Camilo Castelo Branco

The background of the lower half of the image is a solid teal color. Overlaid on this are several geometric shapes in a vibrant purple color. These include triangles of various sizes and orientations, some pointing upwards and others downwards. There are also horizontal and vertical lines, some of which form L-shapes or other complex geometric patterns. The shapes are scattered across the teal background, creating a modern, abstract design.

Project Gutenberg

The Project Gutenberg eBook of A senhora Rattazzi

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: A senhora Rattazzi

Author: Camilo Castelo Branco

Release date: September 25, 2006 [eBook #19375]

Language: Portuguese

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK A SENHORA
RATTAZZI ***

Produced by Rita Farinha and the Online Distributed

Proofreading Team at <http://www.pgdp.net> (This file was produced from images generously made available by National Library of Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal).)

A SENHORA RATAZZI

NOVA EDIÇÃO

Porto: 1880—Typ. de A. J. da Silva Teixeira, Cancellia Velha, 62

A SENHORA RATTAZZI

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

NOVA EDIÇÃO

MAIS INCORRECTA E AUGMENTADA

**LIVRARIA INTERNACIONAL DE ERNESTO CHARDRON, EDITOR
PORTO E BRAGA**

1880

PREAMBULO

À NOVA EDIÇÃO

O assumpto aqui tratado—a brochura da snr.[^]a Rattazzi—tem duas physionomias: uma para risos, outra para critica sisuda. Se uma das faces nos avinca a fronte, a outra tem virtudes therapeuticas de *désopiler la rate*. Eu tentei, pela galhofa pachorrenta, esquivar-me ás phrases amargas que a segunda physionomia—a seriedade—me impunha.

Se uma dama de má lingua nos belisca, devemos imaginar que ella nos faz cocegas; e, em vez de lhe trincarmos os dedos que nos estorcegaram a pelle, corre-nos o dever de imitar quem soffre as cocegas—rir e pernear; mas a mim, ás vezes, succedia-me, quando fazia cocegas a alguém, levar o meu sopapo involuntario. É o que póde acontecer a quem faz cocegas disfarçadas em beliscões.

Un ami de madame, no *Jornal de Noticias*, cheio d'uma paciencia portugueza e muito namorada com as lerdas chalaças da snr.[^]a Rattazzi, acha que o zangarem-se os portuguezes beliscados por madame é *falta de espirito*.

Assim como, no dizer da princeza de pacotilha, *il y a ventre et ventre*, também ha beliscões e beliscões, ó invejavel amigo de madame! Uns são attritos de arminho, cariciosos, como o roçar de dous botões de rosa-chá, em dous dedos opalinos com unhas nacarinas, pelos bigodes encalamistrados de s. exc.^a, o amigo d'ella e de Peniche; outros, são mordentes como tenazes de caranguejo, farpadas de vibora; e, se não deixam contusões rôxas e largas como pontapés de gallegos, penetram os filamentos nervosos e os tecidos cellulares como uma injeccão subepidermica de vitriolo. Que a injeccão me seja ministrada pela regateira que me vende os seus carapaus, ou pela princeza que me vende os seus livros, queima-me do mesmo feitio. A cravache de Lola Montes doía como se a vibrasse o pulso rijo de Roger de Bauvoir.

Mulher escriptora, por via de regra pouco exceptuada, é um homem por dentro. O coração, que devia ser urna de suavissimas lagrimas, faz-se-lhe botija de tinta; e as dôces penas da alma metallisam-se-lhe aguçadas em pennas de aço. O fuso de Lucrecia e da rainha Bertha desfez-se em canetas. Em vez de tecerem o seu bragal, urdem intrigas. Suspiram publicamente em 8.^o portuguez, 250 paginas; e, quando não suspiram, bufam coleras represadas, dizem que tem idéas, que se querem emancipar, muito aziumadas, naturalistas, com um grande ar de pimponas que entraram no segredo dos processos; e, se não batem nos homens, não é porque elles o não mereçam. O amigo de madame, esse, tem de apanhar do sexo, mais hoje, mais ámanhã.

O Dom Francisco Manoel de Mello tinha razão: *Mulheres doutoras, authoras e compositoras* dava-as ao diabo. *É triste cousa*, prosegue o critico do Hospital das Letras—*que estejaes com vossa*

mulher na cama, na mesa, ou na casa, e andem lá pelas tendas mil barbados perguntando por ella.

Não ha feminilidades que se respeitem desde que a mulher se masculinisa, e, como escriptora virago, salta as fronteiras do decoro, sofraldando as espumas das rendas até á altura da liga azul-ferrête.

Mau! começo a ser muito serio e metaphorico. Por aqui me fecho.

N'esta edição augmentam as incorrecções á proporção das paginas. Algumas vão muito alagartadas de francezias para que sua alteza perceba pouco que seja do pamphleto.

Se um periodo serio não destoasse d'esta brincadeira, eu lembraria aos meus conterraneos que o repellirem patrioticamente as zombarias dos insultadores estrangeiros lhes é mais airoso do que esse palavriado de rimas bombasticas e fofas com que suppuram em golfadas annuaes o seu patriotismo no *Primeiro de dezembro*.

Não obstante o silencio dos vates encartados na hymnologia patriotica, a maioria da imprensa antecipou-se-me no vigoroso desforço da justiça, e nomeadamente o snr. Urbano de Castro, um escriptor moderno, com os dons do estylo e da graça que seduzem velhos impertinentes e glaciaes como eu e outros infelizes da minha idade. A favor da snr.^a Rattazzi tem sahido uns poucos periodicos faiantes, sargêtas por onde tresandam os seus fedores as fezes litterarias de Lisboa. São os orgãos da ralé sarrafaçal, uns madraços desencadernados que vivem na gandaia politica, engenhando republicas carnavalescas. É n'esses periodicos de mixordias plebêas até ao asco que o snr. Theophilo Braga se esconde a escrever, como em parede de latrina, uns desabafos pelintras de

quem não acha na imprensa séria fontículos por onde supurar o pus. A princeza póde contar com este panegyrista.

A SENHORA RATTAZZI

Depois de estudar os portuguezes e as portuguezas com frequentes visitas celebradas por *menus* economicos e risos de ironia larga, a snr.^a Rattazzi concebeu das suas impressões viris e masculas um livro que deu á luz em janeiro, e denominou Portugal à vol d'oiseau. Portugais et portugaises.

Eu, creado no velho noticiario, tendo de annunciar o producto d'uma dama dado á luz, antes quizera, em vez d'um livro bom, annunciar um menino robusto. Acho muito mais sympathica a feminilidade das mães pallidas, com olheiras, emaciadas, que aconchegam dos seios exuberantes a criancinha rosada, recém-nascida. Não me commove nem alvoroça o espectaculo d'uma authora que se remira e envaidece na brochura que deu á luz, obra entre cinco e sete tostões—740 reis com estampilha. Por isso, antes quero noticiar um menino robusto que um *oitavo* compacto.

Principia a snr.^a Rattazzi por declarar com raro entono *que conta e pinta o que viu sem deferencias pessoaes nem preoccupações do que a seu respeito se possa dizer ou pensar*. Bom é isso. O menospreço que a escriptora liberalisa á opinião publica portugueza permite á critica o dispensar-se de grandes melindres. Á vontade.

Se alguém me arguir de bastante descosido no exame do livro, queira lê-lo com paciente pachorra, e verá que eu bisponteí sobre os alinhavos atrapalhados da senhora princeza. Se me acharem um pouco em mangas de camisa, façam-me o favor de vêr que a *shocking* irlandeza nos visita de penteador de rendas transparentes e chinelinha de chinchilla.

Calumnía, apenas começa, affirmando, contra o character d'esta boa gente portugueza, que D. Pedro V, e os infantes D. Luiz, D. João e D. Augusto foram atacados do *typho-arsenical*—envenenados. Uns morreram. D. Augusto ficou atarantado, mas com graça—uma timidez *non dépourvue de charme*; e D. Luiz, esse, teve *de la chance*:—que duas vezes fôra preservado da sorte de Britannicus. Exceptuados os gremios palurdios d'algumas boticas de provincia, ninguém hoje repete semelhantes atoardas. Quando quizeram por odio politico enlamear a reputação immaculada d'um duque, desembéstaram-lhe o venabulo ao rosto sereno. O aleive cahiu então, e levantou-se agora na indiscreta obra mexeriqueira da snr.^a Rattazzi.

Quando a morte fulminou, a curtos intervallos, na Italia, duas rainhas da Sardenha e o duque de Genova, madame Marie de Solms, em versos por signal muito ordinarios, insinuou que o fanatismo tôrvo dos padres tinha brandido nas trevas a cruz á feição de gladio. Na Italia era o clero, aqui foi o veneno dos Medicis. Acha que os principes não podem morrer de morte natural; e bem póde ser que sua alteza venha a acabar de doença reles, com pedra na bexiga, hydropica, com lombrigas, com grandes perturbações flatulentas no seu apparelho digestivo—uma desgraça para as letras.

Avaliando o clero portuguez, manda lêr o Crime do padre Amaro. Um romancista habil engenhou um padre mau que afoga um filho, uma perversidade estúpida e quasi inverosimil em Portugal, onde os padres criam os afilhados paternalmente. Eis, segundo ella, o typo da clerezia portugueza, o *padre Amaro*. A snr.ª Rattazzi geme escandalizada sobre a corrupção do sacerdocio, e cita o romance.

Do clero naturalmente deriva para o culto. A respeito do S. Jorge da procissão de Corpus-Christi, a princeza espirra fagulhas de espirito forte, d'um voltairismo sedição, com um desplante extraordinario em mulher. Não se cohibe de gracejar com o symbolismo sempre respeitavel quando inculca, seja como fôr, uma religião e uma moral—cousas consubstanciaes. Não a retém a senhoril e prudente moderação de Staël e Sand, e sobretudo o feminil decoro de viuva duplicada, de mãe e de velha, embora os atavios façam pirraça á chronologia. Moteja das pompas religiosas no tom das *turlupinades* da petrolista André Léo, e arma á risada com facecias d'um alumno da escola-militar que leu o Testamento de Jean Meslier e o Citador de Lebrun.

Moteja dos *Cyrios*. Segundo ella, os portuguezes, tomando a parte pelo todo, chamam ás «procissões» *Cyrios*, porque levam *velas accesas*. Muita chalaça a este respeito. Mulher irreligiosa é uma razão perdida no vacuo da consciencia; mas a que faz praça da sua incredulidade é cousa repugnante, tanto monta ouvil-a na sala como na taberna.

Se a snr.ª Rattazzi fosse uma escriptora seriamente critica, ridiculisando o maior santo de Inglaterra, devia contar aos portuguezes que Jorge foi um fornecedor de toucinho (*bacon*) do exercito romano, e que em vez de fornecer, cosia-se com os lardos

suinos como qualquer fornecedor do exercito brasileiro do Paraguay. A justiça perseguiu-o como concussionario; Jorge safou-se, fez-se ariano, e levou d'assalto a cadeira archiepiscopal de Athanasio. Depois, na capital do Egypto, a execração publica encarcerou-o afim de o processar; mas o povo, impacientado com as delongas do processo, atirou-o ao mar. «Como é que este malandrim (pergunta Campbell na biographia de Shakspeare) chegou a ser transformado em S. Jorge, patrono dos exercitos, da arma de cavallaria e da ordem da Jarreteira?» Campbell diria á senhora princeza: «Patricia, antes de escarnecer as crenças portuguezas, zombe das inglezas. O santo é nosso, e Deus sabe que bestialidade grande praticaram os lusos admittindo um santo da Gran-Bretanha na vanguarda d'uma jolda de velhacos que lhes fizeram á industria da metropole e ás colonias d'Africa o que o tal Jorge fez ao toucinho dos soldados romanos».

Ora, se é facto que o sujeito sizava a carne de porco das legiões romanas, esse devia ser coherentemente o santo tutelar d'Inglaterra. Eu, porém, segundo a minha historia ecclesiastica, muito mais orthodoxa e correcta que a de Campbell, pendo a crêr que S. Jorge era um principe da Cappadocia que soffreu martyrio, imperando Diocleciano, depois de ter matado um certo crocodilo que queria comer a filha do rei Aja. Jorge levou talvez em vista, n'este crocodilicidio, plagiar Perseu que matou outra fera que queria comer Andromeda, filha do rei Cepheu. O que é certo é que os saxonios, estes selvagens, incapazes de produzir um santo, adoptaram o da Cappadocia. Nós é que não tínhamos necessidade do santo, dando-se o caso de mais a mais de sermos ridiculisados por causa d'elle no livro da snr.^a Rattazzi, princeza que de certo não vai ao florilegio como o seu collega principe Jorge.

Sobre materia intrincada de cultos, presume que o enigma poderia ser resolvido pelo bispo de *Visens*, *Alves Martius*. Este nome está bastante corrompido para se pensar que o prelado de *Visens Martius* é um bispo mosarabe, coevo do duque de *Laff[oe]s*, com diphthongo.

Deturpar nomes de bispos e duques pouco importa; é muito peor divulgar, ácerca das realengas aspirações d'uma duqueza benemerita de respeito, umas chocalhices cochichadas nas salas, mas nunca escoadas pelo esgôto da imprensa séria. Allude em termos esbandalhados de actriz patusca ao duque, marido d'essa duqueza, e attribue ás barrigas das senhoras portuguezas um exquisito predominio abdominal sobre os esposos. Esta senhora, que tem apenas a carne indispensavel para se não confundir com um fluido, abomina metaphoricamente os ventres grandes, as barrigas das damas portuguezas fidalgas que nobilitam nas suas membranas os maridos e os filhos. Pilherias de *farceuse de goguette*. Umas *buffoneries de petit souper*,—*can-can* de sobre-loja entre costureiras que bebem do fino e teem namoros nas cavalhariças do paço.

A snr.^a Rattazzi ri muito das superfetações cosmeticas e oleosas do conde de M. Valha-nos Deus! A snr.^a princeza, como objecto colorido, é ha muitos annos uma chromo-lithographia das obras do bibliophilo Jacob. Que Alphonse Karr me não deixe mentir.

Do duque de Saldanha repete aneddotas chinfrins que põem gargalhadas sobre a campá do bravo caudilho a quem D. Pedro IV agradeceu a corôa de sua filha. Conta um dialogo forte que elle teve em 1851, ás quatro horas da manhã, com a rainha D. Maria Pia, e que ella mostrára desejos de o mandar espingardear. Ora, em 1851,

a senhora D. Maria Pia, o Anjo, tinha quatro annos, e desde que veio para o throno de Santa Isabel e de Santa Carlota Joaquina apenas tem espingardeado alguns borrachos, 4 em 5. E o duque de Saldanha—conta a princeza—apresentou-lhe a esposa no seu palacio d'ella em Antin. Assim zomba a snr.^a Rattazzi dos seus amigos mortos e matraquêa Saldanha que a visitava, quando o *Figaro* a escarnecia e Pelletan lhe desenhava o perfil na Nouvelle Babylone.

Está a character quando, anotando um artigo espirituoso do *Pimpão*, explica á Europa o que é o «Perna de pau» e a «Horta das tripas» (*Jardin des tripes*). Falla muito de *faguêtes* que a incommodam, e diz que *Vm.^a{cê}* é o diminutivo de *V. Exc.^a*. Investigando a linguistica, observa que não dizemos o rei, mas *el-rei*; e que o *el* é recordação mourisca e vestigio da occupação dos arabes. Confunde o artigo hespanhol *el* (do latim *ille*) com o artigo arabico *al*, prefixo a muitas palavras portuguezas. As *Therezas philosophas* são muito mais vulgares que as *Therezas philologas*. Diz que o nosso *ai Jesus!* tambem é musulmano, e o *se Deus quizer* tambem é vestigio arabico. É uma mulher das arabias, ella!

Faz rir á custa dos archeiros que tocam o tambor á chamada. A snr.^a Rattazzi nasceu em Inglaterra onde hoje em dia se conservam usanças ridiculas, ratices que se avantajam muito á do archeiro que rufa a caixa. Exemplo: os dous manequins monstruosos chamados Gog e Magog que assistem á recepção do lord-maior no salão Guil-Hall. Depois, mais irrisorias que os archeiros, as sentinellas da Torre de Londres, chapéos de velludo emplumados, adaga á ilharga, farda escarlata acolchetando nas costas, e as armas de Inglaterra com a tenção de Henrique VIII matizadas no peito. E que nos diz a snr.^a Rattazzi ás cabelleiras

Luiz XV, de cachos empoados, com que se toucam os juizes antes de se amezendrarem com offenbachiana parlapatice magestosa nas cadeiras da magistratura em Westminster-Hall? E aquelle sumptuoso coche tirado por cavallos baios em que se estadêa o carnicheiro opulento, com os braços nús e a camisa arremangada até ás clavículas? Se a Gran-Bretanha nos não exhibisse estas gargalhadas, teriamos de nos remediarmos com o producto da ex-princeza Studolmire Wyse que só de per si tem a *vis insita*, a força ridícula latente das dynamisações altas.

Penetra na vida intima dos portuguezes, no segredo dos seus amores castos, amor que só os olhos exprimem. Não gosta. Acha isto semsaboria, e chama-lhe *paixão è olhadas*, para exprimir bem portuguezmente a cousa. Á *Casa Havaneza*, onde se refastelam muitos dos taes «apaixonados das olhadas», chama *clubo des bavards*. Diz que em Portugal as meninas de doze annos tem *olhadas* e carteiam-se. Acrescenta que é rara uma mulher galante portugueza; mas que os homens são, na generalidade, bonitos e bem feitos—*beaux et bien faits*. Isto captiva a gente. Contou alguém á princeza a historia fresca de um velho par do reino «que se lambia» dizendo a paixão que inspirára a uma joven que só á beira d'elle sentia o lyrismo e as delicias do amor. A snr.[^]a Rattazzi espantou-se, e do velho idiota inferiu que em Portugal todos os velhos se lambiam d'amor.

Foi aos touros; viu os *capêlhas* portuguezes, e os *torreros* e os *forçados* (forcados) que ella diz assim chamarem-se, *forçados*, porque *forçam* os applausos. Está em primeira mão esta sandice. (Se o leitor quizer corrigir a minha indelicadeza, onde está *sandice* leia *sandwiche*). Como successor do *conde* de Castello Melhor no garbo e destreza cavalleirosa de toureiro, menciona *Rebello da Silva*

el Castro. Provavelmente do historiador da Ultima corrida de touros em Salvaterra fez um toureiro equestre no campo de Sant'Anna. Diz que, a pedido da commissão, offerecera uma «mona»— *reminiscencia poetica da idade média*. Achou na idade média as *monas*. Sua alteza acha um tanto canibal o prazer das touradas, mas nem por isso é *moins immense* (este *immense* menor que o immenso maior, é bom). Nos theatros da *Trinidade* e do *Principo*, desagradou-lhe o pessimo costume de *pateader*. Diz que as obras do theatro de S. Carlos foram dirigidas por *Santo Antonio da Cruz Sobral*. Lá fóra ha de cuidar-se que temos um *Santo Antonio de Lisboa* para os milagres e outro *Santo Antonio da Cruz* para os theatros.

Sobre politica decifra alguns artigos bons do *Pimpão* e guiza varias beldroegas de sua lavra. Entra bem na questão financeira, na fiduciaria, dos Bancos, no escandalo das loterias e do jogo. Faz um moral opusculo em assumpto de rolêta.

Tratando de jornaes, traslada e traduz annuncios aphrodisiacos do *Diario de Noticias*, e diz que o snr. Thomaz Antunes é *moco fidalgo*. O snr. Antunes não é *fidalgo moco*; tem a cedilha: saiba-o a França. Do *Jornal da Noite*, escreve que A. A. *Texero* de Vasconcellos noticiava principalmente anniversarios e nascimentos, dava a lista dos numeros mais premiados na loteria, e d'isso ia vivendo. Assim atassalha a snr.^a Rattazzi a reputação jornalistica do mais rijo pulso athleta que teve a arêna dos gladiadores politicos—o rival de A. Rodrigues Sampaio. Nem A. Augusto era outra cousa. Logo veremos como ella conceitua socialmente o seu conviva e panegyrista.

Menciona como collaborador da *Correspondencia de Portugal* o snr. Rodrigues de *Treitas*. Se lhe chama *Tretas* ao illustrado e honesto republicano, merecia uma descompostura.

Tambem versa a questão cornigera dos gados, *des bestiaux*. Louva, ao intento, um Relatorio do snr. conselheiro *Morres* Soares. Morres? Longe vá o agouro. Desejo que o snr. Moraes Soares viva muitos annos, para nos dar muitos relatorios sobre *bestiaux*, e mais occasiões a que esta princeza se occupe das nossas vaccas—objecto em que é ella a unica senhora concorrente com as leiteiras saloias.

Em uma pagina util e talvez a unica proveitosa aos viajantes, informa ácerca dos hoteis. Diz que no «Hotel de Lisbonne» ha muitos ratos; no «Alliança» persevejos; e no «Gibraltar» *baratos* (não confundir preços *baratos* com «baratas», ou «carochas»). Depois d'esta asseveração impugnavel, esteia a sua affirmativa em uma passagem do *Cousin Bazilio* onde se lê que em Lisboa ha persevejos. Luxo escusado de erudição. Os persevejos em Lisboa são d'uma tamanha evidencia fetida e mathematica que se dispensava o testemunho do snr. *Eca de Queroz*, de *Querioz*, ou de *Querioze*, que vem citado como Plinio para os lacráos, e Livingstone para a *Tsetse-fly*, mosca mortifera da Africa.

Espanta-se dos muitos Burnay que em Lisboa exercitam varios ramos de industria. Acha que a Lusitania, n'este medrar de Burnay, virá a chamar-se *Burnaisie*. Depois escreve: *Il faut mentionner, ne fût ce que pour faire contraste, les Gallegos à cotê des Burnay. Les uns exploitent, les autres sont exploités*. Esta princeza, com quem o snr. Ramalho trocou o seu francez parisiense, de certo ouviu dizer ao festejado escriptor que a familia Burnay é um grupo de homens

honrados e laboriosos que não se pejam de ser defrontados com outros homens honestos e trabalhadores embora procedam da Galliza; mas não exploram: trabalham e colhem, quando lh'o não desfalcam, o estipendio honesto das suas fadigas.

Tem bons chascos quando zomba dos nossos *viscondes das Ervilhas* e do *Esperregado*. D'estes viscondes saberá sua alteza que se fazem as *princezas do Esperregado* e das *Ervilhas*. Se a snr.[^]a Rattazzi se lembra d'arranjar um *visconde dos Tabacos*, sahido d'um estanco, esse visconde ferido na sua honrada industria, poderia lembrar á neta de Luciano Buonaparte que a princeza Rattazzi é bisneta d'um vendedor de tabacos, pai de sua avó, a snr.[^]a Blescamb, viuva d'um empregado bancario. Mas os *tabacos* trahiram-na, quando, enxovalhando os enormes serviços do fallecido conde de Farrobo á causa da liberdade, diz desdenhosamente que o pai do conde tinha o monopolio dos tabacos e que *a sua nobreza era de fabrica*.

Esteve a snr.[^]a Rattazzi em *Pedroncos* e *Massa*. O leitor que já lhe conhece o processo da orthographia geographica, entende que ella esteve em Pedrouços e Mafra. Exhibe as vulgaridades obrigatorias, e dá-nos a noticia inedita e lisonjeira de que Byron chamou a Cintra *glorious Eden*.

Espeta-se na historia da litteratura portugueza, lamentando que não haja uma grammatica official. Ha dez ou doze officialmente approvadas; mas não é isso que a snr.[^]a Rattazzi pretende: quer uma grammatica official, uma cousa em que os poderes legislativo e moderador decretem positivamente o que ha sobre o gerundio e o participio indeclinavel. Para que diabo quereria ella uma grammatica official? Depois, estabelece a fileira dos escriptores classicos, e

manda lêr as Cartas de Marianna de *Alcofarrada*. Infausta freira! um francez atormentou-lhe o coração: e uma irlandeza martyrisou-lhe o appellido. *Alcofarrada*! Credo!

Disseram-lhe que Affonso Henriques teve um aio, Egas Moniz, o da lenda heroica, que era poeta. Teve ignorantissimos informadores que confundiram o aio Egas Moniz com o trovador Egas Moniz Coelho, fabuloso author das conhecidas trovas.

Trata dos Autos, mysterios christãos posteriores ás *judarias*—uma perfeita judiaria d'esta litterata;—e conclue que as melhores peças do theatro moderno portuguez são a *Nova Castros* de João B. Gomes, e a *Osmia* da condessa de Vimieiro. Convém saber que o Gomes e a condessa estão enterrados ha bons 70 annos. Tem este modernismo.

Em seguida, põe á frente do progresso dramatico José Freire de Serpa, Alexandre Herculano, e mais o snr. Ennes. Estão bem postos todos tres.

Entre os oradores especifica o conde de *Thomaz*; e, como Manoel Passos dava eloquencia a dous, fez d'elle dous oradores—um orador *Silva*, e outro orador *Passos*. Diz que Rodrigues Sampaio é o primacial do jornalismo litterario; não chega a attribuir-lhe algum soláo. Quanto a Almeida Garrett, escreve que era um catholico cheio de fé e sem philosophia, e por isso não fez escóla nem discipulos. Idéas parvoinhas do snr. Theophilo Braga.

Conta que Alexandre Herculano viera em 1836 da emigração que lhe inspirára a Harpa do Crente. Que Alexandre Herculano, antes de emigrar, estivera ao serviço de D. Miguel—*qu'il avait servi d'abord*.

E, no restante, as idéas do snr. Ramalho expendidas nas Farpas, mas um pouco deturpadas. Aquelle grande homem, Herculano, segundo conta a snr.^a Rattazzi, visitou-a e levou-lhe os seus livros. Diz ella que foi a ultima visita que fez o eminente escriptor. Se isto é verdade, foi a ultima e talvez a primeira asneira da sua vida.

No seu grande juizo, A. Herculano devia achal-a ridicula. Uma ingleza ridicula equivale a dous inglezes ridiculos. Ora, A. Herculano tinha escripto: *Dous inglezes ridiculos são incontestavelmente as duas cousas mais ridiculas d'este mundo*. Eu creio no contundente publicista Silva Pinto—um grande lapidario de phrases causticas, tartarizadas. Diz elle que Alexandre Herculano não a visitou. Elle era mais austero e sensato que o padre Lamennais e o astronomo Babinet, do *Instituto*, que no poente da vida e na aurora da tolice lhe escreviam versos e prosas de pieguice senil. O velho astronomo explicava-se assim, paternalmente, ha dezoito annos:

*Sans cesse vous brillez de charmes imprévus;
Près de vous on ne peut jamais manquer de verve;
Car vous avez les attraits de Vénus
Avec les talents de Minerve [1]!*

Os attractivos de Venus. Bom proveito. E, depois, esta senhora zomba dos portuguezes velhos que *se babam d'amor!* Pudera não! Quando nos apparecem bellezas mythologicas, a Venus com a sobrecarga de Minerva, a gente baba-se irreprehensivelmente.

Contra Castilho, faz-se echo das ineptias do snr. Theophilo Braga:—que elle conhecia imperfeitamente as linguas de que *traduisait, traduisait, traduisait*. Castilho aos vinte annos fazia versos latinos como Virgilio e francezes como Lamartine. Accusa-o de inimigo acerbo do romantismo. Castilho escreveu a Noite do castello

e Ciumes do Bardo na afinação ultra-romantica da Dama do Lago de W. Scott e do caudilho das balladas romanticas em França.

Tagarellando contra os classicos, a boa da romantica diz que surgiram em Coimbra os dissidentes da velha escola. Os dissidentes eram Rebello da Silva, Mendes Leal, Latino Coelho e Lopes de Mendonça. Sim, estes innovadores sahiram de Coimbra com o estandarte da rebellião arvorado. Ora, Rebello da Silva, como o reprovassessem em latim, não voltou a Coimbra; Mendes Leal e Latino Coelho nunca frequentaram a universidade, e Lopes de Mendonça não sei se chegou a matricular-se em mathematica. D'este infeliz luctador, submerso em trevas quando as espancava com vertiginosa ancia de luz, diz a ignorante que *elle consumira a maior parte da mocidade em dissipações*. Meu pobre amigo, tu que aos quinze annos trocavas por pão escasso os teus primeiros labores, não merecias ser apontado como victima de tuas dissipações.

Contra Mendes Leal, a casquilha poetisa em annos de prosa ejacula injuriosas calumnias de plagiatos, e accusa entre os livros d'este escriptor verdadeiramente polygrapho o Calabar, um romance em que Mendes Leal declara que parte do seu livro é imitação. O author da Herança do Chancellor, a meu vêr, nas suas occupações diplomaticas em Paris, não tem tido vagar para attender ás princezas vadias.

De Rebello da Silva conhece *Odio, Velho vraô cauca*, e a «Ultima corrida de touros *reas em Salvatorra*». É um bom titulo para uma simulcadencia muito forte, peninsular, talvez vestigio arabe. A snr.^a Rattazzi, que assim escreve a lingua portugueza, propõe-se traduzir a Historia da Inquisição de Herculano. Em inquisição de torturas vai

ella pôr a pobre lingua, que ainda assim possui uma palavra energica para interpretes d'este quilate. Byron, encantado com a sonoridade do termo, transmittiu-o como mimo philologico ao seu amigo Hodgson. Ella que o fareje. Está na carta 37.^a da collecção de Thomaz Moore—bom documento ethnologico que esqueceu ao snr. Alberto Telles no seu interessantissimo livro Lord Byron em Portugal.

As insolencias que desembésta á cabelleira de Bulhão Pato como se explicam? Ella, prefaciando um drama que peorou com o seu francez, disse que Alexandre Herculano escrevêra um opusculo contra o imperador do Brazil, e que o imperador, sem embargo da offensa, vindo a Portugal, visitára Herculano. A snr.^a Rattazzi, muito admirada, perguntou, em Paris, ao imperador que lhe contára o caso da offensa e da visita: «Visitou Herculano, Sire?» E D. Pedro II respondeu com um sorriso fino: «Sim, de certo, visitei-o. Deveria eu castigar-me a mim por comprazer com o meu despeito?»

Leu isto Bulhão Pato, e sahiu honrada e severamente contra a calumnia; e vai ella agora, no livro Portugal *a vôo de pássara*, explica o prefacio da comedia dizendo que se enganou—porque lia muita cousa—attribuindo as Farpas a Herculano; e acrescenta que o imperador não lhe emendára o *blunder*, o equivoco desgraçado, ouvindo-a sem lhe corrigir o erro. Mas a snr.^a Rattazzi, no tal prefacio sarapantão, diz que o proprio D. Pedro II lhe contára que elle, offendido, visitára o offensor: *Don Pedro me l'apprit lui même à l'hôtel d'Aquila*. Uma trapalhona!

Bulhão Pato emendou a parvolêza da snr.^a Rattazzi; e ella, em vez de se agachar contrita na humildade das tolas conscienciosas,

ergue-se nos tacões *benoiton*, e faz chalaças de *estaminet* entre dous *petits-verres de anisette*.

Dos meus futeis romances tambem chalacêa e não anda mal;— que todos os meus livros se adivinham do terceiro em diante: um brasileiro, um namorado sentimental, e uma menina em convento. Cita quatro novellas, e por casualidade nenhuma d'ellas tem *brazileiro*; porém, quanto a namorados, são tantos que nem a senhora princeza é capaz de ter tido mais.

No merito de *Julio Diniz* faz os descontos que o snr. Ramalho lhe incutiu. Conhece os *Fidalgos de casa nourisca*, e a *Morgadinka dos Canariaes*. Tenciona fallar de Soares de *Posses*, poeta portuense, cuja elegia do *sepulchro*, diz ella, se canta nas ruas. Exalta o snr. T. Braga que escreveu a *Visáo das tempes*, e *As tempos tades sanoras*, a «*Historia do diretor portuguez*», e os «*Tracos geraes da philosophia positivía*». Não se sabe se quer dizer *Traços* ou *Trancos*; talvez seja *Tratos*, ou mais provavelmente *Trapos*, se não fôr cousa peor. Seja o que fôr, pertence á philosophia *positivía*.

Conta que elle foi typographo em Coimbra *para pagar os estudos*. Não havia de gastar muito se pagou o que sabe. Diz que o snr. Braga é «philosopho, mathematico, astronomo, physico, chimico, biologista e anthropologista»—o que se demonstra nos *Tracos* acima.

Consta-me que o snr. Chardron consente que este opusculo seja trasladado a francez e hespanhol. Suspeita-se que a Allemanha e o Reino-Unido pensam em o traduzir com uma grande sêde de idéas. Pois, se isto assim é, como não póde deixar de ser, bom será que lá fóra se leia em linguagem conhecida uma opinião ingenua a respeito do *escriptor moderno mais consciencioso de Portugal*, como a

princeza, baseada em anthropologia e assás biologica, qualificou o snr. Theophilo. De si proprio dizia elle com paspalhona philaucia no Ath[ae]neum de Londres, *Revista do anno de 1878*:

«Actualmente a philosophia positiva conta muitos admiradores em Portugal, e os novos espiritos disciplinados por ella vão conhecendo com grande clareza de que trabalhos este povo precisa para progredir.

N'este espirito acabam de sahir á luz os dous primeiros fasciculos d'uma Historia Universal, que a imprensa portugueza tem considerado como *uma renovação dos estudos historicos em Portugal*; a noção positiva da historia e o esboço da historia dos egypcios estão a par dos (muito *pardos*) modernos trabalhos da archeologia prehistorica e egitilologica».

É o que pensa de si o egitilologico snr. Theophilo. Já lhe não basta o elogio mutuo. O oraculo, quando os catechumenos de cá o não incensam, trata elle de salvar na Inglaterra a reputação da critica portugueza, escrevendo que a imprensa lhe considera as farfalharias *uma renovação dos estudos historicos em Portugal*. Ridiculo até á compaixão!

Os livros do snr. Theophilo são uma balburdia, retraços de sciencia apanhados a dente, mal mascarados, um cerebro atrapalhado como armazem de adeleiro, golfos do bôlo não esmoido, cousas apocalypticas, muito desatadas, em prosa deslavada, derreada, enxarciada de gallicismos, cahotica, apontoado enxacôco de retalhinhos apanhados á tôa n'uma canastra de apontamentos baralhados e atirados para o prélo. Toda a farragem do snr. Braga é isto, creiam-me os Pisões e a snr.^a Rattazzi. A cabeça tôa-lhe a vazio, em competencia com a da sua

admiradora. Todo elle é uma bexiga de gazes maus; quando a apertam, faz-se mister, como para o *portugaison*, apertar o citado appendice.

Diz que o snr. Luciano Cordeiro é um dramaturgo original: parece que a originalidade do snr. Luciano Cordeiro está em não ter escripto drama algum.

Reflexionando conspicuamente sobre a nossa deploravel instrucção publica, sahe-lhe de molde contar que nós, os portuguezes, a um brasileiro que passa chamamos *macaca*. Que o brasileiro vai passando, e nós dizemos: *É una macaca*.

Não é tanto assim; não se lhe desfigura o sexo. Se a princeza, ao passar, ouviu dizer: *é una macaca*, isso não era com o brasileiro.

E a proposito de *macaco*:

Tendo esta dama escripto lisonjeiras cousas da gentileza e bonito feitio dos homens portuguezes, exceptuou caprichosamente um criado do Hotel Mondego, o *José Macaque*. Diz que elle tem uma *fealdade socratica*. Eu não affirmo que José Macaco seja um galan com o perfil de Bathylo de Samos nem os tres quartos do Cupido de Corregio. Anacreonte de certo lhe não toucaria as louras madeixas de pampanos e rosas de Teos, nem me persuado que Sodoma ardesse por causa d'elle ou de mim. Assim mesmo, sem algum motivo estranho á plastica, a princeza Maria Letizia, indisposta com José Macaco, não lhe perpetuaria no seu livro como em um bronze de Esopo, a fealdade. Devia de haver uma causal esthetica para injuria tão desproporcionada com as culpas arguidas a José Macaco. Sua alteza não o baldeava á zombaria dos seculos porvindouros pelo delicto de lhe não servir *mayonnaise de lagosta* à

la gele, nem *mexilhões á provençal*. Indaguei, por intermedio d'um meu amigo em Coimbra, quaes as causas ingentes dos odios assanhados pela Discordia ignivoma, como diria Homero, entre Macaco e Princeza. Tentaria elle como o hediondo Thersites da Iliada arrancar com suspiros absorventes os olhos meigos da nova Pantasilea? Trato de averiguar. Se a resposta não vier a tempo, dar-se-ha em appendice suplementar.

Trata com amoravel equidade o snr. G. *Junqiero*. Acha-lhe bellas cousas no seu *don Jooâ*, e que realça no estylo menineiro, *enfantin*. O snr. Junqueiro, se bacorejasse este obsequio, não mettia na sua Viagem á roda da Parvonía uma *Princeza Ratazana*, «em toilette myrabolante, cheia de pedrarias e plumas». A princeza Ratazana da farça dá um jantar a lyricos e satanicos, e canta:

É um paiz singular
A patria dos malmequeres!
Póde-se dar um jantar
Ficando os mesmos talheres.

Mas os convivas, a quatro libras por cabeça,—o snr. Guerra, *gratis*—põem-se nas flautas, e ella abysma-se no buraco do ponto. A troça está impressa. Guerra Junqueiro vingou A. A. Teixeira de Vasconcellos.

Este escriptor, prodigo de gabos e cortezias aos seus collegas, houve-se cavalheirescamente com a princeza. Fez folhetim heraldico da sua raça corsa, do espirito e dos livros que eu apenas conhecia de lh'os vêr citados no Dictionnaire de l'argot parisien, por Lorédan Larchey, Paris, 1872. Ella é authoridade em giria. Antonio Augusto achava-lhe talento, e ia jantar com ella. O escriptor morreu;

e a snr.^a Rattazzi celebra d'est'arte a memoria do seu panegyrista e hospede:

«*Antonio-Augusto Texeiro de Vasconcellos*. O Casa nova portuguez[2]. Seria de mais chamar-lhe celebre, mas notavel por muitas distincções, sim. A primeira pelos grossos escandalos que datam já de Coimbra, onde estudava; depois por grandes farçolices de que uns riam, e outros choravam. Por algumas foi asperamente castigado. O que elle podia melhor escrever eram as suas memorias; com certeza, tinha com que alvoroçar a curiosidade publica. Pensaria n'isso? É provavel que sim, mas faltou-lhe o tempo. Como quer que fosse, essas memorias só poderiam publicar-se depois d'elle morto; se as publicasse em vida, correria o perigo de o espatifarem». É uma princeza a escrever d'um homem fallecido que a inculcára litterata distincta no *Jornal da Noite*, mentindo á gente por um excesso de cavalheirismo fidalgo que o desculpa, e mais relevante faz resaltar a ingratidão da leitora do *Casa nova*.

Crueza e indignidade que não desafinam das tradições corsas da sua familia; mas que será difficil encontrarem-se em uma senhora de *la haute vie*, uma irlandeza de mais a mais, uma Wyse, fina flôr fanada da *Gentry*.

A snr.^a Maria Letizia esteve no Porto, onde «viu o *lindo riacho, Rio de Viela* que atravessa diversas ruas»; conversou com a snr.^a *Alveolos*, ingleza gorda que, por signal, a não percebeu. Conta-nos —digno Plutarcho— a biographia da estalajadeira do *Francfort*, e viu a confraria dos *Pénitents rouges* a *descer da collina para o rio*, e *parar com tochas accesas á porta d'uma casa mourisca com vidraças coloridas, e paredes esmaltadas de adobes azues*. Que

diabo de visão! O Hoffmann não veria isto no Porto sem beber muito de 1815. Os *penitentes vermelhos*!

Tambem estive em *Cedeifata* e no palacio de crystal, acompanhada *par le savant docteur Ricardo Costa*. É admiravel como ella, n'um lance d'olhos, apanhou as linhas intellectuaes e scientificas do senhor doutor Ricardo Costa! Quantas pessoas andam duzias de annos á volta d'um sabio sem o penetrar!

Na carta XXIII, esta mirifica epistolographa mette a riso a nossa pronuncia nacional, os sons nasaes, as desinencias em oês e em aô, que nos ficaram da lingua *galoga*, e se pronunciavam *ouenche*, *anhon* «com um accento «violento de nariz que só bem póde imitar-se pegando n'este appendice com a mão toda para bem proferir o *portugaison*». Sim, elle é preciso pegar no appendice para bem pronunciar o *portugaison*.

Vence-me o tédio; mas não me punge o remorso de ter lido 415 paginas. Tenho, porém, vergonha de que um ou outro portuguez, desnacionalizado por despeitos pessoas e politicos, se compraza de vêr os seus conterraneos enxovalhados pela snr.^a Rattazzi, cuja maledicencia é notoriamente europêa. O seu renome de desbragada sem-ceremonia ganhou-o em Italia e Paris a ponto de lhe imputarem as brochuras crapulosas do infame bandido Vésinier, um corcunda petroleiro que espingardearam em 71. Elle publicára na Belgica o Mariage d'une espagnole com as iniciaes *M. de S.*, em que muitos decifraram *Marie de Solms* (Les membres de la commune, par *Paul Dehon*, pag. 241). Outros davam quinhão na torpeza a *Sch[oe]lcher* (Histoire de la revolution de 1870-71, por *Claretie*). Era uma calumnia que a não pungiu grandemente; um dia, porém, o despejado amanuense de E. Sue fez confissão publica e

vaidosa de ter vendido esses farrapos de baixo alcouce aos editores belgas.

A senhora princeza, se em vez de *puffs* usasse calças e voltasse a Portugal, de certo acharia quem lhe dêsse umas. Tem por si o arnez da fragilidade, posto que as senhoras um pouco durazias, e por isso menos quebradiças, devem ater-se menos á irresponsabilidade das qualidades vidrentas. Em todo o caso, a gente admira-se, porque esta especie de extravagancia não é vulgar, e só póde perdoar-se ao talento que a snr.^a Rattazi não professa. Tenha paciencia. É uma patarata, a *ragged woman*, com uns quindins de *mauvais aloi*, trescalando a *boudoir-Lenclos*, com umas guinadas de *verve*, barrufadas de *champagne frappé*. De resto, é uma princeza que nos faz lembrar, quanto aos seus diplomas principescos, a rainha Jacintha de negra memoria, e quanto aos seus morgadios realengos não nos parece mais donataria que a illustre senhora da ilha das Gallinhas. Em conclusão: o seu livro não é cano de escorrencias muito nauseabundas, nem é canal de noticias uteis, tirante a dos hoteis infamados de persevejos; não é pois cano, nem canal; mas é canudo, porque custa sete tostões; e—vá de calão—como troça e bexiga, é caro.

Notas:

[1] La verité sur M. Rattazzi, par *l'Inconnu*.

[2] Quem houver lido as Memorias de Casa nova, um patife no genero Lovelace peorado, tem comprehendido a crueza da

comparação.

End of Project Gutenberg's A senhora Rattazzi, by Camilo Castelo Branco

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK A SENHORA
RATTAZZI ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS
WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic

works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or

with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with

active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- • You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- • You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™

License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.

- • You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- • You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF

WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution

of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur:

(a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™
Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate. While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff. Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate.

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not

necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.